



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da Unidade de Pronto Atendimento (UPA) da Vila São Pedro

São Bernardo do Campo-SP, 29 de dezembro de 2009

Nós vamos ganhar um pouco de tempo aqui. Eu quero cumprimentar duas pessoas apenas, em especial, aqui, e quero que todas as pessoas que estão aqui se sintam cumprimentadas.

Uma delas é o nosso governador do estado do Rio de Janeiro, que é um convidado especial do companheiro Marinho, que é um companheiro que fez questão de estar aqui porque foi em uma visita minha ao Rio de Janeiro, visitando uma UPA, que nós chegamos à conclusão que era preciso implantar em todo o território nacional. E foi a partir daí que assumimos o compromisso de fazer 500 UPAs em todo o território nacional. E o Rio de Janeiro tem um companheiro, que é de qualidade excepcional, que é o nosso secretário da Saúde do Rio de Janeiro, o nosso companheiro Sérgio Côrtes que está aqui, que é um companheiro que junto com o ministro Temporão e outros secretários de estado, como o Barradas, vão ajudar a gente a construir essas UPAs todas pelo Brasil.

A segunda pessoa que eu quero cumprimentar é o Luiz Marinho, e quero dizer para vocês da alegria e do sonho de ver o Marinho eleito prefeito de São Bernardo do Campo, e ver no Marinho a possibilidade de concretizar parte dos sonhos que o povo de São Bernardo do Campo esperava do companheiro Marinho.

Eu sei que tem muita gente já com fome. Só para vocês terem ideia, eu, quando saí de casa, às 7h30 da manhã, eu prometi para dona Marisa que eu ia voltar para almoçar com ela. Já são 1h15, eu ainda estou em São Bernardo, tem mais uma reunião no aeroporto com o Presidente do Banco Central.



Depois tem mais uma reunião com um empresário que vai fazer um investimento muito grande aqui no Brasil. Então, eu vou chegar em casa às 4h da tarde e, mais uma vez, a dona Marisa vai dizer: “Mais uma vez, me enganou. Disse que vinha almoçar e não apareceu para almoçar”.

E eu sei que o nosso Secretário da Saúde falou, a Márcia falou, e eu queria fazer um apelo. A primeira coisa é o seguinte: eu quero pedir a Deus para que hoje, amanhã e depois de amanhã ninguém precise estrear esta UPA. Porque quando eu ouvi dizer que ela ia funcionar e vocês bateram palmas, eu falei: parece que vai ser uma praça que está sendo inaugurada, que o pessoal quer logo visitar. Deus queira que nem vocês e nem na família de vocês alguém precise utilizar esta UPA, que esteja com saúde perfeita. Mas o dado concreto é que, se precisar, vocês vão ter, perto da casa de vocês, um tratamento especializado que vai tratar vocês com o humanismo que todo ser humano precisa ser tratado.

E aí, eu queria, Marinho, fazer um apelo, Arthur, aos médicos, às enfermeiras e aos funcionários: se vocês estiverem com raiva do Secretário da Saúde ou estiverem com raiva do prefeito ou quiserem xingar o Presidente da República, pelo amor de Deus, não descontem no povo que vier procurar vocês no balcão, não descontem. Atenda o povo com um sorriso na cara, com educação, com muito respeito, e depois se tranque no banheiro e xingue o Presidente, xingue o prefeito, xingue o secretário.

Mas eu estou dizendo isso porque quando eu era presidente do sindicato de São Bernardo do Campo, eu quase sempre chegava naquelas moças que atendiam no balcão e eu dizia para elas: em momento algum, mesmo que você tenha brigado com o seu marido, mesmo que você tenha problema de salário, quando chegar um associado do sindicato no balcão para pegar uma informação, trate-o com o maior respeito do mundo. É esse, é esse o apelo que eu quero fazer às pessoas que vão trabalhar nas UPAs, porque isso aqui está tudo muito bonito, são novinhas, mas daqui a pouco começam a



chegar os pacientes e se o funcionário estiver mal humorado, a doença do paciente aumenta, aumenta.

Vamos prestar atenção em uma coisa que o Secretário da Saúde falou: “Aqui, não é por ordem de chegada”. Então, o cidadão que chegou às 8h20, ele pode ser atendido depois de uma pessoa que chegou às 8h21, 8h22. Por quê? Porque o que vai levar em conta não é a hora da chegada, é a gravidade da doença que a pessoa tem. Se tem, se tem uma criancinha que está passando mal, mas não está com febre ou não está com falta de ar, e chega uma com febre alta ou com falta de ar, é aquela que vai ter que ser atendida primeiro, porque isso aqui é para tentar salvar vidas. Se tem um companheiro com uma dor de barriga qualquer ou uma dor de cabeça e chega um companheiro que teve uma briga aí e ele foi esfaqueado, aquele vai ser atendido primeiro, porque o objetivo disso aqui é tentar evitar que a doença não se agrave e evitar mortes.

Eu estou dizendo isso, porque hoje nós estamos aqui em festa, mas Deus queira que não, mas amanhã começa a disputa. Vocês começam a chegar e a dor de cada um é sempre a maior, não é? O vizinho pode estar morrendo com cálculo renal, que é a pior dor do mundo, só perde para a dor do parto, me parece, segundo os médicos aí. Ou seja, mas se chegar outro com uma dor na unha, a dor da unha é a maior, a de barriga é a maior, a dor de cabeça, se o cara tiver tomado umas canas, à noite, de péssima qualidade, é uma dor maior. Então, cada um faz a sua dor maior. O médico é quem vai saber dentre todas as dores qual é aquela que precisa de mais cuidado e de mais atenção para a gente melhorar a vida das pessoas.

Eu penso que se a gente tiver entendido isso, isso aqui vai funcionar perfeitamente bem, e vai ter ambulância do Samu, que quando alguém estiver com uma coisa mais grave, vai fazer o primeiro tratamento aqui e ambulância não vai levar um cidadão para jogar na porta do hospital, vai levar para deixar as pessoas internadas no hospital.



Eu lembro, eu lembro Sérgio, eu lembro que uma vez eu trouxe um primo meu aqui, na década... em 1969 ou 1970, eu trouxe um primo meu aqui, ele morreu dentro do meu carro, morreu dentro do carro. Eu ia levá-lo para o hospital, eu não vou falar o nome do hospital para a imprensa não colocar o nome do hospital e não fazer... Mas naquele tempo não tinha muitos hospitais aqui, o povo de São Bernardo é capaz de adivinhar qual era. E eu cheguei com meu primo, eu não tinha culpa, ele teve um infarto dentro do carro, um moleque novo morreu. Eu cheguei à porta do hospital, parei o carro e falei para o pessoal: Olha, eu estou com o meu primo morto aí. Ninguém queria receber meu primo: “Ah, está morto, como é que eu vou receber?” E eu falei: E eu é que vou receber? Eu é que vou saber? Alguém tem que pegar e examinar, pelo menos, para dizer do que ele morreu. Bem, aí houve uma briga daquelas de meia hora, o pobre é sempre escoraçado, é tratado como se fosse de terceira categoria. Eu sei que eu tirei meu primo do carro, coloquei ele na porta do hospital. Aí, o médico, até uma pessoa que hoje é muito minha amiga, veio lá, mandou pegar o meu primo, levou para dentro, fizeram a autópsia nele e tudo, aí depois eu levei meu primo embora. Então, agora não vai ser largado na porta não, quando alguém vier aqui que for atendido e tiver que ir para o hospital, daqui a pessoa já vai sair sabendo para que hospital vai e que vai ser internada. Nós não vamos ficar, não vamos ficar tratando o povo como se fosse gado não. Vamos tratar com respeito para a família saber aonde que está o seu ente querido.

Dito isso, companheiros e companheiras, eu acho que é um dia importante. Quando o companheiro Marinho tomou posse, eu falei para o Marinho: Marinho, você tem que aproveitar que eu vou ter dois anos na Presidência no seu mandato e você tem que fazer todos os projetos importantes para São Bernardo porque o prefeito anterior, que eu não tenho nada pessoal contra ele, ele não gostava de receber dinheiro do governo federal. Eu nunca vi na vida alguém recusar dinheiro. Nem emenda



parlamentar dos deputados de São Bernardo do Campo, ele tinha interesse em utilizar. Então, você imagina: Eu, presidente da República, moro na cidade, o prefeito foi meu amigo antes de ser prefeito, e ele nunca me procurou para pedir dinheiro para colocar uma telha em uma casa, eu sempre achei que São Bernardo do Campo estava nadando em dinheiro, que não precisava.

Pois bem, a verdade, a verdade é que a São Bernardo do Campo que eu conheci em 1965 é diferente da São Bernardo do Campo de 2010. Porque a São Bernardo do Campo de 2005... de [19]65 tinha mais dinheiro do que habitante. Aqui em São Bernardo, Sérgio, quando a gente ia comprar um terreno em qualquer lugar, você já recebia o terreno com água, com luz, com asfalto, com tudo, porque era muito dinheiro e pouca gente.

Acontece que a cidade foi crescendo, a indústria automobilística, Sérgio, tinha muito empregado. A Volkswagen em [19]80 tinha 44 mil trabalhadores. Hoje, ela tem apenas 12 ou 13 mil trabalhadores, 15 mil trabalhadores. Significa que uma parte dos metalúrgicos que na década de 80 trabalhava na Volkswagen ficou desempregada. A Mercedes mandou embora, a Ford mandou embora, a Brastemp mandou embora, diminui o número de trabalhadores, e muita gente ficou morando na periferia. Pessoas pagavam aluguel, deixaram de pagar aluguel, foram construir um barracinho em um lugar mais pobre para poder transformar o dinheiro do aluguel na comida de cada dia.

Então, São Bernardo do Campo, que é uma cidade rica, é uma cidade rica, pode sair daqui, Sérgio Cabral, sabendo que você está em uma das regiões que tem a classe operária mais bem paga deste país, que é o ABC paulista. É uma região muito rica, mas que ficou empobrecida pela crise econômica que perdurou nos últimos 20 anos neste país. Você encontra muito ex-metalúrgico aqui que perdeu o emprego e nunca mais conseguiu voltar para uma metalúrgica.



Então, eu falei para o Marinho: Marinho, é preciso pegar quais são os principais problemas de São Bernardo do Campo, aproveitar esses dois anos para a gente fazer, porque Diadema tem um sistema de saúde chamado Quarteirão da Saúde, que é uma coisa que nós fizemos junto com o Felipe, que é uma das coisas mais extraordinárias de saúde do estado de São Paulo e do Brasil. É um quarteirão inteiro, Sérgio, que atende tudo que você possa imaginar na área da saúde.

Santo André sempre foi uma cidade mais, eu diria, com um perfil de cidade mais dinâmica, porque Santo André era a cidade que tinha a estação do trem, o povo de São Bernardo que produzia batata tinha que vender lá em Santo André... A minha mulher era batateira. Então, a família dela plantava batatinha inglesa aqui, onde hoje tem as indústrias, e tinha que levar na estação de trem de Santo André para poder levar para São Paulo para vender.

Então, Santo André sempre foi uma cidade mais sofisticada, tinha mais investimento em cultura... E depois teve 12 anos de administração de um dos maiores homens públicos que eu conheci, que foi o nosso companheiro Celso Daniel, que foi assassinado.

Pois bem. Então, São Bernardo do Campo estava devendo. São Bernardo do Campo estava devendo alguma coisa para o seu povo. Então, como Deus escreve certo por linhas tortas, o companheiro Marinho conseguiu se eleger. Antes, a gente perdia as eleições porque o PT era metido à besta, queria sair sozinho, não fazia aliança política, juntavam mil vereadores contra nós, a gente sempre perdia. O Marinho, mais hábil, mais matuto, mais do interior, mais... O Marinho resolveu construir uma aliança política e foi procurar vários partidos políticos que ajudaram a o eleger prefeito de São Bernardo do Campo. Então, Deus deu a sua ajuda, agora depende de nós.

Na última sexta-feira, no último final de semana que eu vim aqui, o Marinho pediu uma conversa comigo, para me convidar para vir inaugurar esta UPA. E o Marinho falou: “Presidente, nós temos um problema sério em São



Bernardo”. Qual é o Problema? “É o problema da dragagem. É o problema do povo que está morando em áreas que dão enchente sempre que chove. E tal, aquele negócio todo...”. Eu falei: Marinho, faça o projeto.

Porque, também, no Governo Federal, e o Goldman sabe disso, o Sérgio Cabral disse, para nós que governamos, se tiver um bom projeto, é difícil você negar dinheiro. Duro é quando a pessoa pede dinheiro sem ter projeto. Eu sempre digo que projeto administrativo é que nem álbum de fotografia do filho da gente: A gente vai batizar o bruguelinho da gente, tem lá um cara tirando fotografia. Aí o cara dá um cartão para a gente; a gente fala: “Eu não quero, eu não quero, não quero, vá embora!”, até mal-educado com o cara. Passa uma semana, o cara chega na sua casa batendo palma e mostra o álbum de fotografia. Você, que estava contra o álbum de fotografia, fica derretido e fala: “Só esse?”, e compra o álbum. Porque, para nós, pais, os nossos filhos são os mais bonitos do mundo, então a gente está sempre querendo agradar os filhos. Pois bem. Então, o Marinho... São Bernardo do Campo, já foi terminada a licitação de 60% da Universidade, Marinho. Eu penso que agora, para o mês de fevereiro, começa a colocar tijolo em cima de tijolo para a gente construir a Universidade Federal do ABC, porque não era justo que o ABC não tivesse uma universidade federal.

Bem, mas as outras obras, o Marinho tem que apresentar os projetos, tanto na questão habitacional, como na questão de dragagem, como na questão do (incompreensível) para construir casa para as pessoas mais pobres – aquelas que não podem pagar nada, praticamente.

Nós temos que aproveitar e fazer as coisas, o Marinho apresentar o projeto, a gente aprovar, para o Marinho poder concluir isso aqui. Porque São Bernardo é uma cidade que está atrasada. Obviamente que nós temos Mauá também, que nós temos Rio Grande da Serra, mas São Bernardo do Campo, das grandes cidades, é a que menos recebeu investimento do Governo Federal, porque o prefeito que estava aqui, parece que não gostava de



trabalhar com o Governo Federal. É uma bobagem, não tem nada mais ignorante do que isso. Porque um prefeito não pode ficar brigando com o governador, um governador não pode ficar brigando com o prefeito, um governador não pode brigar com o Presidente, o Presidente não pode brigar com o governador. Logo que o Marinho foi eleito, eu tive uma reunião com o Marinho e com o governador Serra lá no Palácio dos Bandeirantes, e eu disse ao Serra: Serra... o Barradas estava junto. Eu falei: Serra, eu quero que você trate o Marinho com um carinho especial porque São Bernardo do Campo é uma cidade que todo mundo pensa que é muito rica, e as pessoas esquecem de fazer as coisas e esquecem que lá tem muita gente pobre, trabalhadora, que precisa de todos os recursos.

Pois bem, nós temos aí um ano pela frente, tem muita obra do PAC. Nós vamos fazer o PAC número 2 a partir de março do ano que vem, portanto, vai ter mais obras para o ABC Paulista, para Osasco, para Guarulhos, porque nós também não fazemos distinção de que partido é o prefeito ou o governador. Seja de qualquer partido, ele foi governador ou foi prefeito e o seu povo precisa, a gente tem mais é obrigação de fazer sem olhar... Você não pode deixar de dar comida para um porco porque você não gosta do dono do porco. Ou seja, você precisa tratar as pessoas com o respeito que as pessoas precisam ter neste país.

E para terminar, e para terminar... Veja, para terminar, a obra do PAC, em São Bernardo do Campo, Marinho, entre habitação e saneamento básico, nós vamos fazer um investimento de 522... R\$ 532 milhões aqui em São Bernardo nos próximos anos. [Para] O VLT, já foram passados R\$ 30 milhões pelo Ministério das Cidades, R\$ 30 milhões que o Marinho esperou uns seis meses. Todos os dias me telefonava e cobrava, e eu acho que isso aqui tem que ter a parceria do governo do estado para que a gente possa dar ao povo de São Bernardo que trabalha em São Paulo condições de trabalhar, porque é um inferno, é um inferno sair de São Bernardo para ir trabalhar em São Paulo.



Às vezes a gente leva até duas horas para chegar em São Paulo, tal é a péssima qualidade das coisas que tem aqui. Então, eu espero que o Marinho possa inaugurar parte do VLT no seu governo.

Bem, e outra coisa importante. Além disso, Marinho, além disso, o Ministério das Cidades diz que tem uma quantidade de obras aqui, para quanto tempo, ô Sérgio? Para quanto tempo? Até 2012, até 2011? Não, porque estão falando aqui em R\$ 688 milhões. Este povo daqui é o seguinte... Este povo daqui aprendeu a fazer greve em [19]78. Este povo daqui sabe fazer conta. Se eu disser que nas outras obras do Ministério das Cidades, além do PAC, tem outros R\$ 688 milhões, eles vão te cobrar, eles vão te cobrar.

E quero dizer para vocês que o que a Márcia anunciou aqui, do hospital, eu sou testemunha porque moro aqui há 38 anos, que São Bernardo precisa de um hospital digno do povo de São Bernardo do Campo. É por isso que nós vamos colocar os R\$ 103 milhões para fazer um hospital para ninguém, de São Bernardo do Campo, que quiser nascer, ter que ir em outra cidade; ninguém que quiser fazer uma cirurgia na cabeça, tenha que ir em outra cidade. São Bernardo do Campo é uma das cidades que mais... depois de São Paulo e Rio de Janeiro, talvez seja uma das cidades que mais arrecada imposto para o nosso país. Portanto, fazer as coisas em São Bernardo do Campo não é fazer favor. É devolver para o povo de São Bernardo parte da riqueza que este povo deu a São Paulo e deu ao Brasil.

Meu querido companheiro Marinho, eu quero te dar os parabéns, Deus queira que a gente possa, até março, inaugurar as outras três, e até antes de eu deixar a Presidência, inaugurar as outras UPAs, para a gente ter dez UPAs aqui, em cada bairro, tranquilo, para as pessoas serem tratadas condignamente. É uma vergonha alguém ter ficado 12 anos em alojamento nesta cidade. A verdade é que uma pessoa ficar 12 anos em um alojamento significa que não houve nenhum carinho por parte do administrador público.

Eu acho que essa reparação tua, Marinho, é muito importante, e eu vou



dizer para vocês... a nossa querida, a nossa querida Presidenta da Caixa Econômica Federal, ela está aqui, e eu posso dizer para vocês uma coisa que me orgulha profundamente. Ontem o BNDES fez uma entrevista coletiva. O BNDES, Sérgio Cabral, que em 2004 emprestou R\$ 40 bilhões – emprestou, tirou do bolso e colocou na economia –, este ano fechamos novembro com R\$ 140 bilhões desembolsados pelo BNDES. A Caixa Econômica Federal... vem aqui, Maria Fernanda, porque eu não tenho o número na cabeça. Diga quanto é que a Caixa Econômica investiu em 2004 e quanto é que a Caixa Econômica está investindo agora.

Presidente da CEF: Bom, em 2004, foi em torno de R\$ 35 bilhões. Até agora, em novembro, nós já chegamos a R\$ 120 bilhões. Eu acho que tem um número, Presidente, que o pessoal vai gostar de ouvir. Todos os dias, em uma agência da Caixa, 3.500 famílias saem com o contrato da casa própria, saem com a chave da casa própria.

Presidente: Olhe, uma coisa que me dá orgulho, Sérgio Cabral, uma coisa que me dá orgulho é que nós tínhamos um presidente no Brasil que, quando foi presidente, a Caixa Econômica bateu o recorde de construção de casa própria. E eu... sabe que a história, a gente não pode negar: foi no governo do presidente Figueiredo. Foi o ano que a Caixa Econômica mais construiu casas no Brasil. Pois Vossa Excelência sabe, Vossa Excelência sabe que nós já ultrapassamos o recorde do presidente Figueiredo. Isso, até 2008. Ainda tem 2009 e 2010. E com o programa Minha Casa, Minha Vida, eu peço a Deus que a gente consiga contratar todas as casas, que são 1 milhão, até o final do ano que vem, para que a gente possa, em 2011 e 2014, anunciar mais 1 milhão de casas pela Caixa Econômica para que o povo brasileiro tenha o seu problema habitacional resolvido.

No mais, Marinho, parabéns. Parabéns aos companheiros da Secretaria



de Saúde, que tão bem trabalharam. O Raul não falou nem a Márcia, mas vocês não vão sair daqui com uma receita para comprar remédio na farmácia. Vocês vão sair daqui com o remédio para tomar. Se o médico prescrever remédio para um dia, vocês vão ter o remédio; se o médico prescrever remédio para três dias, vocês vão ter o remédio para três dias; e se ele prescrever para cinco dias, a gente vai ter o remédio. É bom o médico não prescrever para muitos dias porque, se bem eu conheço o povo, a gente toma um dia, toma dois, quando sara, a gente não toma mais o remédio. E cada casa tem um estoque de remédio velho, entulhado, que a gente guarda não sei para quê. Eu acho importante que a gente deveria, até num processo educacional, entregar um boletim para essas pessoas: se essa pessoa não tomar o remédio e esse remédio estiver sobrando, que ela trouxesse aqui de volta para a gente analisar o remédio – se está bom – e a gente pudesse dar o remédio para outra pessoa que vai precisar do remédio.

Um abraço, gente. Feliz Ano Novo e que Deus abençoe o nosso prefeito e todos vocês de São Bernardo do Campo.

(\$211A)